

RESENHA

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. *Letramentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

Resenhado por Ormezinda Maria Ribeiro¹

Stephanie Sales Rodrigues Nonato²

Universidade de Brasília - UnB

Recebido em: novembro de 2021

Aceito em: maio de 2022

DOI: 10.26512/les.v23i1.40927

Partindo da premissa de que a escrita foi, ao longo do tempo, a maneira mais utilizada para a construção de significados, o livro *Letramentos* se propõe a expandir o conceito de letramentos, sobretudo no que tange aos modos de construção de significados na contemporaneidade. Nessa perspectiva, foi escrito por Mary Kalantzis, professora na Universidade de Illinois (EUA); Bill Cope, Professor Pesquisador no Departamento de Estudos de Políticas Educacionais da Universidade de Illinois e Petrilson Pinheiro, professor de Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e publicado pela Editora da Unicamp em 2020.

Logo em suas primeiras palavras, esclarece que sua razão de ser não é uma mera tradução da obra *Literacies*, de Mary Kalantzis, Bill Cope, Eveline Chan e Leanne Dalley-Trim publicada pela Cambridge University Press, em 2012. Já que, para além da tradução, houve um trabalho do tradutor/autor Petrilson Ribeiro de lançar luz sobre os letramentos por um prisma amplo no contexto

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Professora e orientadora nos programas de Pós-Graduação em Linguística- PPGL, e Pós-Graduação em Educação- PPGE-MP na Universidade de Brasília UnB. E-mail: ayabsb@gmail.com.

² Graduada em Letras Português no Instituto Federal de Brasília, mestranda no Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB) cursa especialização em Ensino de Línguas e Humanidades no Instituto Federal de Brasília. E-mail: stephaniesalesxd@gmail.com

brasileiro, entrelaçando pressupostos curriculares e recortes da realidade educacional no Brasil em discussões inauguradas por estudiosos europeus, membros do *New London Group* - NGL com o manifesto de 1996, chamado *A pedagogy of multiliteracies: Designing social future*.

Os autores abrem a discussão sustentando o caráter duplo dos multiletramentos, no qual, a primeira acepção se refere à diversidade social com a sua variedade de acordos na produção de significados em diversas situações comunicativas. A segunda acepção dos multiletramentos se relaciona aos múltiplos modos de construção de significados: a multimodalidade, ainda que, em toda a produção textual caracterizada como verbal/escrita sempre existem elementos multimodais, e tal processo tem se acentuado com o surgimento das mídias digitais (Kress & Van Leeuwen, 1998).

No capítulo 1 os autores apresentam como os seres humanos construíram e constroem significados em três momentos históricos distintos. A primeira globalização, representada pelas primeiras línguas, na qual existiam modos diversos de construção de significados sinestésicos, a segunda globalização atribuída a escrita e a invenção da imprensa que acabava por gerar significados homogêneos, uniformes e com poucas modalidades de significado. A terceira globalização, caracterizada pelas novas mídias e novos letramentos, ascende com a perda de privilégio da escrita em detrimento da transmissão de significados orais, sonoros, gestuais e visuais.

No capítulo 2, que conclui a Parte A do livro, os autores dialogam a respeito do lugar dos letramentos nas esferas do trabalho, cidadania e vida comunitária em três momentos históricos diferentes: primeira sociedade industrial, sociedade industrial desenvolvida e sociedade do conhecimento.

Chamamos a atenção para o uso acrítico do termo sociedade do conhecimento. Conforme Duarte (2003), o conceito sociedade do conhecimento nos apresenta cinco ilusões, dentre elas, a ilusão de que o conhecimento nunca foi tão acessível e democratizado pelas tecnologias quanto é na contemporaneidade. A ilusão reside na tentativa de escamotear o sistema capitalista, vendendo a ideia de um novo sistema, no qual as desigualdades de acesso à produção de conhecimentos são inexistentes.

Com uma linguagem clara e de fácil compreensão, no capítulo 3 são tecidas uma série de considerações a respeito dos processos de conhecimento como elementos fundamentais para projetos de letramentos. Esses processos de conhecimento são formulações do NLG para estruturar os multiletramentos como prática situada, partindo de caminhos que abrangem a experimentação do conhecido e do novo, conceitualização por nomeação e com teoria, análise funcional e análise crítica e aplicação apropriada e criativa. O capítulo 4 discorre sobre a pedagogia do letramento na abordagem didática, mostrando o uso privilegiado de regras formais, leitura para apreensão do significado e acesso ao cânone literário.

No capítulo 5 é explorada a pedagogia do letramento autêntica, que surgiu como uma forma de contrapor a pedagogia tradicional, sobretudo no que tange ao lugar que o estudante ocupava, de passividade no processo de transmissão do conhecimento. Assim, os autores destacam que, na pedagogia autêntica, o aluno tem espaço para ser ativo, questionador e experimentador, e o professor se reserva a orientar os caminhos de aprendizagem, conferindo autonomia aos estudantes. Já no capítulo 6 é apresentada a pedagogia do letramento na abordagem funcional, cujo trabalho se dá em prol da aprendizagem de ler e escrever os tipos de textos necessários ao sucesso escolar e social. A abordagem funcional focaliza os propósitos e funções da linguagem na reflexão e ação no mundo social.

O capítulo 7, que encerra a Parte B do livro, registra que, na pedagogia dos letramentos na abordagem crítica, os letramentos são vistos por um prisma plural, coerentemente com a própria visão de que as vozes dos estudantes são heterogêneas, partem de diversos contextos sociais, associados a uma multiplicidade de textos, mídias digitais e culturas populares. Entendendo que ensinar e aprender é um ato político, essa pedagogia atua no exercício da reflexividade da mente e ação. No final desse capítulo, os autores advogam por um uso inter cruzado das abordagens pedagógicas dos letramentos, e não um uso equilibrado que acaba por enfraquecer diferentes abordagens em nome da moderação, uma vez o entrelaçamento epistemológico e metodológico de cada pedagogia pode resultar em um melhor aprendizado e engajamento dos atores sociais.

No capítulo 8, os autores mostram que toda forma de construção de significados é multimodal, sobretudo quando pensamos a contemporaneidade com seus novos meios digitais. É nesse capítulo que é introduzida a explicação do *design* como um conceito dinâmico de criação de significado. O capítulo 9 explora a construção de significados por meio da leitura na abordagem didática, que caminha na direção da memorização e da relação fala e grafema, e a leitura na abordagem autêntica, que preconiza a imersão em textos significativos e, assim, encaminha para uma aprendizagem natural. Por fim, traz a pedagogia dos letramentos e análise do *design* e enseja uma aprendizagem que torna o estudante capaz de produzir e consumir textos entendendo seus propósitos além de suas estruturas textuais.

No capítulo 10, o qual focaliza o processo de escrita na construção de significados, são comparadas as gramáticas tradicional, gerativo-transformacional e funcional na medida em que desenvolvem regras, princípios e reflexões acerca da língua. Os autores sustentam que a complexidade das gramáticas se dá pelo fato de a língua ser fluida e complexa, desafiando classificações estanques. O capítulo 11 se dedica a discutir maneiras de construir significados visuais. Ainda nesse capítulo é mostrado como os significados visuais são construídos. Conforme seus autores, a noção de *design* implica sempre a presença de algo intrínseco do produtor de

significados juntamente com referências disponíveis, *designs* disponíveis, gerando *redesigned*. A reflexão Bakhtiniana acerca do dialogismo e desdobramentos como intertextualidade, termo cunhado por Kristeva (1974), dialoga com a ideia de *designs* disponíveis, sendo mobilizados em conjunto com a imaginação e ideias subjetivas para a geração de *designs* novos, novos significados.

O capítulo 12 aborda a construção de significados a partir dos modos: espaciais, táteis, e gestuais. Ao final desse capítulo, os autores defendem uma aprendizagem multimodal sinestésica, visto que os significados são construídos na interação entre pessoas e, para além da visão de Vygotsky, também na interação com espaços, objetos, imagens e sons e quando combinados podem acrescentar profundidade aos significados. O capítulo 13, que finaliza a Parte C, se debruça sobre os significados orais e sonoros e evoca um quadro Hallidiano (2002) para comparar os significados escritos e orais que estão, segundo os autores, conectados por meio da língua, mas que têm processos de *designs* distintos.

No capítulo 14, é estruturada uma reflexão sobre os letramentos e sua íntima relação com a cognição humana. Os autores conduzem o capítulo de modo a lembrar conceitos caros a Charles Sanders Peirce, Lev Vygotsky e Piaget para explicar a relação entre o pensamento conceitual que representa e interligam generalizações e o pensamento complexo que representa e associa coisas particulares. Por fim, o capítulo explora os significados acadêmicos como conhecimentos disciplinarizados, mostrando como os saberes de cada área são construídos e representados, sobretudo contemporaneamente, cada vez mais multimodalmente, visto que se movimentam entre texto escrito, oral, diagramas, gestos e imagens.

No capítulo 15 são apresentados os impactos das diferenças entre aprendizes nos processos de letramentos. Diferenças como acesso a recursos econômicos, relações domésticas e de coabitação, moradia em regiões com recursos sociais distintos, idade, raça, sexualidade, habilidades mentais e físicas, língua, etnia e gênero. Os autores ressaltam que os estudos de Basil Bernstein (1990) sobre o acesso que crianças de pais trabalhadores pobres têm a um código linguístico restrito enquanto crianças de classe média e alta tinham acesso a um código mais elaborado. O capítulo é concluído com seis estratégias que podem contornar desigualdades do acesso e trabalho efetivo com os letramentos.

O capítulo 16 é iniciado com uma breve explanação sobre a BNCC e alguns recortes do documento, juntamente com um *QR Code* que conduz o leitor ao texto na íntegra. Logo depois inicia-se uma discussão sobre tipos de avaliações. A crítica que os autores proferem às formas tradicionais de avaliar que, ainda, são as mais usadas nas escolas de ensino básico, está no fato de tais avaliações não auxiliarem os estudantes, construtores de significados, a desenvolverem postura ativa, criativa e de resolução de problemas, já que essas avaliações se limitam a avaliar

conhecimentos adquiridos individualmente, enquanto a necessidade é a de que o conhecimento seja situado, colaborativamente construído.

Sem deixar de tratar em profundidade ideias complexas, o livro é de fácil leitura e se destaca, sobretudo, no contexto pedagógico, uma vez que ao final de cada capítulo estão postos Processos de Conhecimento que podem funcionar como um estudo dirigido para lançar reflexão sobre os assuntos abordados no texto. Ademais, em grande parte dos capítulos estão descritas, brevemente, práticas pedagógicas em diversos lugares do mundo conferindo à leitura encantamento e inspiração sobre práticas de ensino aprendizagem significativas, nas quais os estudantes são produtores ativos de significado e criadores de *redesign*. Por tudo isso, é uma obra que desperta interesse em educadores, pesquisadores da educação e linguagens e simpatizantes do assunto.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Newton. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?* Campinas: Autores Associados, 2003.

KRESS, Gunther. VAN LEEUWEN, Theo. Front pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, A.; GARRET, P. (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 1998. p. 186-219.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.